

Fofoca e relações entre parentes: um estudo etnográfico junto aos kariri-xocó

Gossip and relationships between relatives: an ethnographic study with the kariri-xocó

Maiara Damasceno da Silva Santana

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender os processos de produção, reprodução e atualização das relações parentais entre os(as) Kariri-Xocó, comunidade indígena localizada no município de Porto Real do Colégio (AL), no vale do São Francisco. Centrado na temática da fofoca, aborda o papel que tal prática desempenha tanto no que se refere especificamente à produção de conflitos quanto à configuração das dinâmicas sociais em sentido mais amplo. Com base numa perspectiva etnográfica, o trabalho descreve e analisa alguns aspectos da gramática que estrutura as relações de parentesco locais, mostrando como, a depender da valoração que lhe é socialmente atribuída (isto é, se considerada boa ou ruim), a fofoca pode contribuir, seja para o espessamento ou a diluição de relacionalidades, seja para a dinamicidade, a reprodução e a atualização diária das relações.

Palavras-chave: Fofocas, Parentesco, Relacionalidade, Vida diária.

Recebido em 05 de outubro de 2021.
Avaliador A: 16 de novembro de 2021.
Avaliador B: 27 de novembro de 2021.
Aceito em 11 de fevereiro de 2022.



ABSTRACT

This article aims to understand the processes of production, reproduction and updating of parental relationships among the Kariri-Xocó, an indigenous community located in the municipality of Porto Real do Colégio (AL), in the São Francisco valley. Focused on the theme of gossip, it addresses the role that this practice plays both with regard to the production of conflicts specifically, and the configuration of social dynamics in a broader sense. Based on an ethnographic perspective, the work describes and analyzes some aspects of the grammar that structures local kinship relations, showing how, depending on the valuation that is socially attributed to it (that is, whether considered good or bad), gossip can contribute, either for the thickening or dilution of relationalities, or for the dynamism, reproduction and daily updating of relationships.

Keywords: Gossip, Kinship, Relatedness, Daily Life.

INTRODUÇÃO

Um grupo de mulheres conversava e fumava na porta de casa, entre sobrinhas, filhas, tias e mães. O assunto que embalava a conversa era a separação conjugal de uma delas. A mulher mais velha, que detinha a palavra, assim se dirigia à mais nova, que havia se separado do marido: *“quando um casal se separa é porque o homem e a mulher não prestam mais um para o outro”*. Quando a frase foi proferida, outra mulher – uma parenta distante que transitava por perto – tomou a fala como uma “indireta”¹ para si, uma vez que também havia se separado recentemente. Ela nada tinha a ver com a conversa, contudo, não gostou do que ouviu; o que a levou a olhar para o grupo com cara de poucos amigos e caminhar para casa “ingicada” (aborrecida/brava). Ao chegar lá, tratou logo de contar a uma de suas parentas próximas o que ouvira, encontrando nela uma fonte de apoio. Não demorou muito até que o caso se transformasse em fofoca. Dias depois, as mulheres que conversavam em grupo tomaram conhecimento do ocorrido, tornando iminente a instauração de um conflito, uma vez que as mesmas se enfureceram ao terem o seu nome envolvido na fofoca. A parenta distante também estava chateada, pois tinha a convicção de que, com o referido comentário, o grupo de mulheres pretendia ofendê-la ao lançar indiretas e fofocar sobre a sua vida. A essa altura, o que de fato ocorreu já não tinha qualquer correspondência com a versão que circulava na aldeia. Os dias foram se passando, os ânimos se acalmando (embora, nem tanto), até que, finalmente, o grupo de mulheres envolvido na fofoca decidiu procurar a parenta distante para esclarecer a história. Era noite, o clima estava fresco e o vento calmo. O grupo de mulheres encontrava-se no mesmo lugar de antes – todas sentadas na porta de casa. A sensação que tive ao chegar ao local do encontro era a de que a conversa poderia desencadear uma briga, o que me

¹ Comentário feito sobre alguém, sem a utilização discursiva direta, mas que assume a função de apontar algo negativo na pessoa. Comentário feito de modo disfarçado ou irônico na frente de quem se quer atingir.

levou a manter certa distância, de modo que, sem comprometer a observação, pudesse me manter minimamente segura. O clima era de tensão e de muitos cochichos. Todas esperavam ansiosas a parenta distante, que demorou um pouco a chegar. Uma das mulheres falava alto e gesticulava bastante, enquanto outra pedia calma. Contrariando as minhas expectativas, felizmente, a conversa fluiu de forma relativamente tranquila, tudo foi esclarecido e, por fim, o mal-entendido acabou sendo desfeito... (Trecho extraído do diário de campo, outubro de 2018).

Embora se trate de algo comum entre parentes, amigos(as) e vizinhos(as) dos mais diversos contextos sociais, a fofoca constitui um tema polêmico² que, embora possa ter uso meramente recreativo, não raro leva à irrupção de situações conflituosas, como no caso reproduzido acima. Talvez esta seja uma das razões pelas quais, conforme argumenta Eric Foster (2004), a Antropologia Social vem a ser muitas vezes compreendida e/ou descrita como a ciência social da fofoca.

Em 2017, quando cursava o primeiro semestre do doutorado, escutei de uma professora, em uma de suas aulas, a seguinte frase, que nunca mais saiu da minha memória: “um(a) bom(boa) antropólogo(a) sempre gosta de uma fofoca”. Um ano depois, já em trabalho de campo na aldeia Kariri-Xocó, em Alagoas, diante dos inúmeros episódios de fofoca de que tomei conhecimento, lembrei-me da fala da tal professora. Ainda que ela tivesse levantado uma questão interessante, somente me dei conta da importância do tema da fofoca para pensar formas de constituição de relacionalidades e modos de socialidade após a minha estadia prolongada na aldeia Kariri-Xocó.

Ao longo dos dez meses³ seguidos em que vivi com os(as) Kariri-Xocó, ao alugar uma casa dentro da aldeia, tomei conhecimento de muitas fofocas: traição entre casais, relações homossexuais e brigas entre grupos familiares eram os assuntos mais comuns. Como diria Gluckman (1963), a maneira mais fácil de um(a) estranho(a) ser incluído(a) em um grupo é participando das fofocas. De minha parte, embora fosse boa ouvinte, procurava não disseminar as fofocas que ouvia, evitando me envolver em conflitos de parentes, sem contar que, como antropóloga, outras questões estavam em jogo, como a ética de pesquisa. Contudo, não posso assegurar que meu marido (acompanhante no trabalho de campo), nossas duas filhas (uma de 7 anos e outra de 1 ano e seis meses, na ocasião) e eu mesma não tenhamos nos tornado alvo de fofoca, uma vez que ele cozinhava e cuidava das filhas, em uma divisão quase igualitária das

2 Por este mesmo motivo, tive o cuidado de não mencionar os nomes reais das pessoas com as quais conversei sobre o assunto durante o trabalho de campo.

3 A pesquisa de doutorado recebeu o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

tarefas domésticas, o que entre os homens kariri-xocó é algo incomum. Em casos como este, o sujeito expõe-se ao risco de ser chamado de “caçarola”, o que tem como principal consequência a atribuição de uma conotação negativa à sua masculinidade. Como nem sempre a fofoca é descoberta pelas pessoas que têm o nome nela envolvido, sigo apenas levantando suspeitas.

Ainda que as pessoas tentem se precaver das fofocas ou explicitem isto em seus discursos – “não quero meu nome na boca dos outros”, “não quero meu nome em fofoca” –, nem sempre é possível controlá-las e evitar ter o nome circulando de um lado a outro da aldeia (que vai da rua do primeiro portão até o Conjunto das Duzentas⁴). Por outro lado, mesmo diante dessa preocupação, muita gente parece compartilhar o gosto de falar dos(as) outros(as), seja para o bem ou para o mal. Tal posição é claramente ilustrada pela fala de uma mulher kariri-xocó de 43 anos que, na época da pesquisa, me confrontou com a seguinte pergunta: “quem não gosta de uma fofoca?”. Como expõe Fonseca (2004, p. 23): “ninguém se considera fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança”.

Entre os(as) Kariri-Xocó, com os(as) quais venho construindo pontes de diálogos, relações de afeto e de companheirismo desde 2013, quando iniciei a pesquisa de mestrado, o tema da fofoca me ofereceu uma ampla compreensão dos processos relacionais que constituem parentes, ao produzir, reproduzir e atualizar as dinâmicas sociais cotidianas na aldeia. As mulheres com as quais tive maiores laços de proximidade são boas “observadoras do cotidiano” (MENDES, 2019, p. 16) e me revelaram o quanto era bom se sentar na porta de casa às tardes para ver as pessoas passarem: “oh minha filha, a gente senta aqui, vê o povo passar. Sempre tem um que para e conversa. A gente comenta da vida dos outros (risos) e assim a tarde se passa. Tá ruim, é? Tá, não”.

As fofocas podem passar despercebidas a qualquer antropólogo(a), mas, uma vez atento(a), logo perceberá o quanto podem ser potenciais reveladoras da realidade, conseguindo alcançar amplas dimensões das relações entre parentes. Com isso, não estou negando os prejuízos que uma fofoca pode causar à vida das pessoas, uma vez que, como se sabe, esta pode evoluir para brigas, razão pela qual deve ser evitada, principalmente nos períodos que antecedem a ida ao Ouricuri – nome atribuído ao território e ao ritual, considerados “sagrados” pelos membros da comunidade. Nessas ocasiões, os(as) Kariri-Xocó ficam mais cautelosos(as), pois consideram que para pisar em solo “sagrado” é preciso estar “limpo de corpo e mente”⁵.

4 Estas localidades referem-se às áreas de habitação, as quais são organizadas pelos(as) Agentes Indígenas de Saúde – AIS, a partir de microáreas numéricas (de 1 a 7), a fim de facilitar a orientação espacial da aldeia e os atendimentos domiciliares.

5 A limpeza, nesse caso, refere-se aos cuidados e resguardos que devem ser realizados obrigatoriamente por

O segredo do Ouricuri é o cerne da produção de “pessoas diferenciadas”, como estes(as) indígenas se reconhecem. Os processos relacionais em que os(as) Kariri-Xocó se envolvem, por meio do segredo, produzem semelhança entre eles próprios, ao mesmo passo que os diferenciam dos não indígenas e de outros indígenas que não compartilham da mesma experiência ritual.

Para participar do Ouricuri, que acontece quinzenalmente (mas, eventualmente, pode ocorrer a cada sete dias), as pessoas kariri-xocó devem fazer abstinência sexual de três dias, não consumir bebidas alcoólicas, livrar-se de preocupações, não procurar “questão” (brigas/intrigas) com os parentes e acreditar no Pai Eterno, acima de qualquer coisa. Como se diz na Sementeira (aldeia), deve-se “ficar puro ou limpo” para se deslocar para o ritual com o coração aberto, sem mágoas nem rancor. Nos três dias que antecedem a ida ao Ouricuri há o enorme desejo e o esforço coletivo de seguir essas prescrições. Contudo, na vida cotidiana, viver com todos esses resguardos é mais difícil do que pode parecer à primeira vista, de maneira que brigas, desentendimentos e fofocas são mais frequentes do que se imagina, de modo que nem sempre é possível ficar isento deles.

Ainda que o tema da fofoca não tenha sido sistematicamente explorado em etnografias anteriores sobre os(as) Kariri-Xocó (MOTA, 1987; MATA, 1989; MARTINS, 2003; SILVA, 2003; SANTANA, 2015; VENANCIO, 2018), estou convencida de que ele é tão importante quanto outras temáticas que já se tornaram objeto de investigação, tais como a educação escolar indígena, processos de saúde, doença e cura; processos nativos de aprendizagem; corporalidade e reprodução; retomadas de territórios e organização social, entre outros. Nesse sentido, este artigo é um esforço narrativo que começou a ser desenhado desde a escrita da tese (SANTANA, 2021), quando meu olhar etnográfico atentou não somente para as relações com os não indígenas, por meio dos matrimônios celebrados entre eles, mas também para as configurações mais internas que englobavam os relacionamentos extraconjugais e as fofocas que estes ensejavam. Desde então, o meu interesse incidiu sobre o desejo de entender como se configuram os processos de criação, reprodução e atualização do parentesco entre os(as) Kariri-Xocó, avaliando a fofoca (boa e ruim) enquanto um meio para a promoção desses processos.

todos(as) os(as) Kariri-Xocó que frequentam o Ouricuri, ao menos três dias antes do deslocamento para o ritual.

VIDA DIÁRIA E FOFOCA

Os(as) Kariri-Xocó⁶ estão situados nas margens do Baixo São Francisco, no estado de Alagoas, no município de Porto Real do Colégio, conhecido também como Colégio por seus habitantes, o qual faz divisa com Propriá, em Sergipe. Atualmente são falantes do português e empreendem inúmeras estratégias para a revitalização da língua materna – dzubukuá, de tronco Macro-jê, como a criação da “Escola Amiga do céu Nayly”, criada pelo casal kariri-xocó conhecido pelos apelidos de Indinha e Indhão. Os(as) Kariri-Xocó ocupam uma extensão de 699,35 hectares (compreendidos como terra oficialmente demarcada) e continuam em constante luta pelo território, cuja maior parte ainda se encontra na posse dos grandes fazendeiros de Alagoas e Sergipe. A área total, entre terra demarcada e terra declarada, equivale a 4.419 hectares. Sua população é estimada em 1.952 pessoas (Sesai, 2015) que habitam, desde 1978, a aldeia homônima, também chamada de Sementeira⁷.

Uma boa expressão para sintetizar os inúmeros episódios que presenciei, envolvendo brigas, acusações e fofocas entre parentes kariri-xocó, foi registrada por Grazielle Dainese (2015, p. 371), por ocasião da pesquisa desenvolvida por ela junto aos moradores da Terceira Margem, na região do Alto Paranaíba, no estado de Minas Gerais: “se há parentesco, há desentendimento”. Parece ser este o caso também do que se passa na aldeia Kariri-Xocó, onde as pessoas compartilham com certa frequência uma outra frase: “aqui todo mundo é parente”.

Conversas sobre comportamentos, ações, condutas e relacionamentos entre parentes podem alimentar fofocas que, uma vez instauradas, rapidamente se espalham. A possibilidade de falar sobre as escolhas e/ou ações de alguém, sem o princípio da condenação ou acusação direta (FRANCHETTO, 1996), talvez seja um dos elementos que tornam a fofoca tão interessante.

Mas, afinal, o que é a fofoca? Sobre o que as pessoas fofocam? Por que fofocam? Ao longo do texto tentarei explorar estas questões, tendo como ponto de partida o pressuposto de que a fofoca é parte substancial da vida diária, da socialidade kariri-xocó, fundamental na relação entre as pessoas, não se tratando, portanto, de um simples epifenômeno. Pelo contrário, trata-se de um fenômeno complexo que produz seus próprios efeitos sobre pessoas e grupos,

6 Junto aos Kariri-Xocó convivem indígenas das etnias Fulni-ô, Xucuru-Kariri, Karapotó, Pankararu, Wassu-Cocal, Tingui-Botó, Aconã, Gavião e mesmo não indígenas, com os quais estabelecem relações de afinidade por meio de inúmeros matrimônios.

7 Em período anterior à retomada e formação da aldeia, no local funcionava um antigo campo de sementes, sob a responsabilidade da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – Codevasf.

operando de maneira específica, a depender de seu conteúdo e de seus agentes.

A socialidade de que falo é definida por McCallum (1998) como um conceito capaz de capturar as formas próprias como os Kaxinauá (Huni Kuin) dão sentido às suas vidas e à sua atuação no mundo, compreendida como o eixo de sua filosofia moral, uma vez que as pessoas podem atuar para criá-la ou desfazê-la. McCallum (1998, p. 134) explica que a “socialidade é o produto de muitas sociabilidades, não se resumindo a apenas uma delas”. De acordo com a autora, a socialidade é “um estado momentâneo na vida social de um grupo, definido pelo sentimento de bem-estar e pelo autorreconhecimento como um grupo de parentes em plena forma” (MCCALLUM, 1998, p. 129). A criação da socialidade entre os(as) Kariri-Xocó se dá pela dinâmica de suas atuações na vida cotidiana e, neste caso, as fofocas desempenham um importante papel, uma vez que são parte fundamental do engendramento de tais relações.

Figueiredo (2010, p. 419) aponta que a fofoca “não é um estilo discursivo específico, uma fofoca é apenas uma história. A forma aí não importa, apenas o conteúdo da fala”. Brenneis (1984) tece algumas críticas aos estudos antropológicos que dispensaram da análise da fofoca a possibilidade de pensá-la enquanto texto e atividade, preocupando-se apenas com o seu conteúdo. Contrariando esta perspectiva, o autor chama a atenção para o caráter estilístico que a fofoca possui. No caso da Sementeira, em particular, forma e conteúdo são essencialmente importantes na definição dessa prática. O ato de fofocar não acontece em alto tom de voz. Antes, a voz é baixa e os gestos complementam a ação, criando uma atmosfera de certo suspense quanto ao conteúdo que será exposto. Há uma performance muito específica no contar fofocas e isto a diferencia de outras modalidades de narrativas, histórias e conversas.

Cáceres (2016), que pesquisou o tema na comunidade Astrogilda Cafundá, do Quilombo de Vargem Grande, no Rio de Janeiro, também aponta que a fofoca não se limita ao uso da voz, posto que os gestos são igualmente relevantes para a sustentação daquilo que é dito. Tal performance é fundamental para criar sentidos e entendimentos, chamar a atenção e provocar reações. De acordo com a autora:

Silêncio, ritmo, timbre, gestos corporais e faciais voluntários ou involuntários junto às habilidades físicas e posturais não apenas caracterizam os narradores, senão que participam das histórias que eles contam sobre si mesmos e sobre os outros (CÁCERES, 2016, p. 306).

No estudo realizado pelo babalorixá e também professor Júlio Braga, pesquisa que deu origem ao livro *Fuxico de candomblé: estudos afro-brasileiros*, publicado em 1998, o autor argumenta que os fuxicos, também chamados de *ejó*, em terreiros de origem jêje-nagô, são meios de “fazer circularem notícias que dificilmente poderiam ser transmitidas através de

canais normais da aprendizagem sistemática a que estão submetidos os iniciados dos cultos afro-brasileiros” (BRAGA, 1998, s/p). O autor analisa positivamente o fuxico, considerando-o uma forma de “atualização do saber na comunidade religiosa afro-brasileira” (1998), o que teria dimensões complexas e amplas. Todavia, Braga (1988) também aponta os prejuízos que o fuxico pode originar, sendo necessário lançar mão de alguns recursos para se obter a sua interrupção, como, por exemplo, o de cânticos do tipo: “Xoxô obé, Xoxô obé, Apaxô Ioriejó, Laroîê, Xoxô, obé”⁸.

Entre os(as) Kariri-Xocó, espera-se que a fofoca decorrente de assunto considerado grave continue a circular até que alguém a escute e intervenha ou mobilize outros(as) para uma intervenção conjunta diante do problema (GLUCKMAN, 1963). Se isto não acontecer, o alvo da fofoca (aquele de quem se fala), caso tenha cometido algo considerado grave pelos(as) Kariri-Xocó, poderá sentir-se pressionado a se mudar da aldeia para outro lugar, uma vez que a fofoca tem o potencial de colocar em evidência insatisfações coletivas, sem que para isso seja necessário confrontar diretamente as falhas da pessoa que protagonizou a ação que deu origem à fofoca.

A análise funcionalista da fofoca que se transforma em escândalos, tal como analisou Gluckman (1963), aponta para certas características desta como um jogo culturalmente controlado por meio de redes. Neste caso, a principal tese sustentada pelo autor encontra-se na afirmação de que a fofoca reforça o sentimento de identidade comunitária e os valores de um grupo, ou seja, em sua visão, a fofoca atua na manutenção da coesão do grupo. No entanto, a depender de contextos específicos, os papéis e as funções das fofocas variam, como deixa ver a discussão que se segue.

No caso dos(as) Kariri-Xocó, quando uma fofoca se torna um escândalo, brigas internas podem se suceder, pois ela também é um mecanismo de expressão de comportamentos reprováveis que, na visão interna do grupo, considera-se danosa ao mundo relacional. Aprende-se, através da fofoca, quais condutas as pessoas devem ter em seu dia a dia a fim de evitar verem o seu nome envolvido nesse tipo de imbróglío. Trata-se, assim, de uma maneira de transmitir informações sobre as diretrizes da vida, de modo que, no caso, “mais que verdades, transitam moralidades” (CÁCERES, 2016, p. 308). Além disso, a fofoca pode ser também lida como uma forma de aprender sobre o outro (BAUMEISTER et al., 2004), sobre como as pessoas se organizam e operam as suas vidas, individualmente e/ou em grupos.

8 “A ponta da faca que serve para a circuncisão corte a fofoca ou o fofoqueiro”, cantiga para Exu (BRAGA, 1998, s/p, tradução feita pelo autor).

De forma sucinta, isto quer dizer que a fofoca acaba por explicitar os modos considerados necessários para o “bom viver”. Entre as pessoas kariri-xocó esta expressão, costumeiramente, faz referência à relação entre cônjuges, mas não só. Aponta também para as diferentes relações cotidianas tecidas entre parentes na aldeia. Neste caso, o “bom viver” de que falam as pessoas na Sementeira pode ser usado em analogia ao “bem viver” (BELAUNDE, 2016), ambos podendo ser entendidos como um devir, um desejo de atingir o ideal que, ainda que não alcançado, faz-se acompanhar sempre de uma nova tentativa e, portanto, de um recomeço.

A fofoca pode ser entendida como parte da vida cotidiana dos(as) Kariri-Xocó, estando presente em múltiplos e variados âmbitos do seu dia a dia: nos afazeres domésticos, na roça, na pesca, nas visitas aos parentes, no ato de sentar-se em frente de casa para fumar e conversar etc. Desse modo, não constitui exagero afirmar que, ao colocar em circulação os mais diversos assuntos, a fofoca opera no sentido de dinamizar a vida cotidiana.

CRIAÇÃO E DILUIÇÃO DE RELACIONALIDADES

Para a antropologia social britânica do início e meados do século XX, o parentesco era um tema de fundamental relevância, funcionando como um importante meio para a compreensão do funcionamento de sociedades que operavam sem instituições de tipo estatal. Carsten (2004) argumenta que esse paradigma influenciou os trabalhos de campo de Malinowski e Fortes, haja vista que ambos privilegiaram em sua análise a família nuclear como instituição universal. Ainda em meados do mesmo século, as linguagens que orientavam os estudos africanistas de parentesco, como linhagens e grupos de descendência, foram se consolidando, tornando-se característica central na organização dos sistemas de parentesco, a ponto de ser, inclusive, transportada para contextos não africanos (CARSTEN, 2004). Em 1949, Claude Lévi-Strauss publica, na França, *As estruturas elementares do parentesco*, uma análise então diferenciada na qual o autor demonstrava preocupação com as “lógicas da cultura” e não com o modo como as sociedades funcionavam. Seu deslocamento teórico contribuiu decisivamente para que fosse conferida centralidade ao casamento e às trocas diversas (inclusive de mulheres⁹), em detrimento das outrora consagradas relações de descendência.

Em uma perspectiva inovadora, no trabalho publicado em 1968, sob o título *Parentesco*

9 Ver a discussão feita por Carsten (2004) sobre as críticas feministas em torno da objetificação das mulheres.

Americano, Schneider critica a dicotomia biológico *versus* social bastante presente nos estudos antropológicos de parentesco. O autor acabou por influenciar as abordagens posteriores ao propor que esta categoria fosse pensada como um sistema cultural. Nessa crítica, ele argumentava sobre o modo como a antropologia desenvolvia suas análises, ao eleger o modelo euro-americano como referência para a investigação de diferentes sociedades. De modo a lhes fazer justiça, há que se mencionar, por fim, as contribuições feministas que, a partir dos anos 1970, impulsionaram os estudos de gênero por meio dos quais problematizaram a ideia de biologização do parentesco e de universalidade da família nuclear.

Numa perspectiva mais recente, Carsten (2000) aponta que o parentesco é, entre outras coisas, “uma área da vida em que as pessoas investem suas emoções, sua energia criativa e suas novas imaginações” (p. 09, tradução minha). Esta concepção, que tem suas raízes no que ficou conhecido como “novo parentesco”, tem contribuído para pensar a antropologia do parentesco a partir de novas configurações, tal qual acontece hoje com as tecnologias de reprodução assistida e a adoção, por exemplo. O conceito de *relatedness* (estar relacionado), ancorado à rubrica do novo parentesco, coloca-se como uma alternativa teórica fértil para a apreensão da fofoca como um mecanismo revelador das relações entre as pessoas.

Conforme nota Dunbar (1996), a fofoca é um elemento importante para a criação de vínculos; configura-se, por essa via, como um meio estratégico de manutenção das relações sociais. Baumeister (2004) corrobora tal posição ao afirmar que, ao unir as pessoas, criando vínculos entre elas, as fofocas podem cimentar e manter os laços sociais, uma vez que os sujeitos tendem a passar horas juntos conversando. Trago comigo vivas imagens de quando caminhava pela aldeia, entre 15 e 16 horas, e observava que praticamente em todas as portas das casas havia gente sentada fumando e conversando. As conversas eram sobre os mais variados assuntos, mas quase sempre envolvia a vida alheia: era sobre o(a) filho(a) de alguém; a jovem que estava namorando; outro(a) que se casou com um(a) não indígena, o sobrinho que traiu a esposa etc.

Dentre os muitos casos de que tive notícia, pode-se mencionar o de uma mulher karirixocó, solteira, de mais de 40 anos, que teve o seu nome envolvido em uma fofoca por uma jovem de pouco mais de 20 anos, também solteira. A primeira decidiu não “tirar satisfação” (esclarecer a situação com a/s pessoa/s envolvida/s) com a segunda, pois – conforme afirmou – tinha “consideração” pela mãe da jovem, de sorte que desejava evitar um conflito entre mãe e filha. Mas a atitude não condiz com a de outras pessoas que, a despeito da eventual “consideração” que tenham por alguma parenta próxima, não se furtariam a “tirar satisfação” e, com isso, expor o caso à comunidade, a fim de se livrar de maus comentários, bem como revelar

quem deu origem à fofoca, o que, não raro, faz com que o sujeito fique “mal visto” e com fama de “fuxiqueiro”¹⁰.

A noção de “consideração” é uma categoria importante na Sementeira. No contexto kariri-xocó, deve-se ter muito respeito e carinho pela pessoa “considerada”. A ela se deseja o bem, mas, em contrapartida, dela também se espera a adoção de ações recíprocas. Esta noção também foi observada e documentada por Marcelin (1999), Pina-Cabral e Vanda Silva (2013) nos trabalhos de campo realizados no Recôncavo baiano e na região do Baixo Sul da Bahia, no manguezal costeiro ao sul da baía de Todos os Santos, respectivamente.

Para entender como se organizam as casas e as configurações de casas entre as pessoas negras no Recôncavo baiano, Marcelin (1999) investiu na noção de “consideração”, tal como esta é vivida naquela localidade. As casas não são meramente destacadas como construções arquitetônicas, mas como relações que se constituem por meio de configurações familiares. Um aspecto bastante interessante que o autor nos traz e dialoga muito de perto com o que acontece entre os(as) Kariri-Xocó é que as relações de sangue não são suficientes para explicar a relação entre as pessoas nas diferentes situações da vida, nem mesmo são capazes de definir o que vem a se constituir como família. Com base nisto, o autor evidencia que mesmo as relações consanguíneas são orientadas pela noção de “consideração”.

No segundo caso, Pina-Cabral e Vanda Silva (2013) evidenciaram que a “consideração” é um modo de relação que envolve respeito e afeto, “é o que dá significado às relações entre pessoas; é o que lhes atribui relevância” (PINA-CABRAL; SILVA, 2013).

Entre os(as) Kariri-Xocó, a consanguinidade constitui a base do parentesco, mas sem a “consideração” é comum ouvirem-se frases como a seguinte: “é nosso parente, mas nós não considera”. Em casos deste tipo fica evidente o reconhecimento da consubstancialidade do sangue, mas também a fragilidade das relações de “consideração”. No contexto pesquisado, para ser reconhecido como parente, é necessário que as relações sejam atualizadas diariamente, uma vez que “o parentesco precisa ser também feito, performatizado” (MARQUES, 2014, p. 124). É importante explicitar que a “consideração” e o sangue não devem ser pensados como dicotomias classificatórias, como parentesco real e fictício, mas de maneira integrada, conforme advertem Marques (2014), McCallum e Bustamante (2012).

Assim como acontece no sertão de Pernambuco, pesquisado por Marques (2014), as relações de parentesco não são desfeitas entre os(as) Kariri-Xocó, mesmo diante da ausência do parente ou de situações de brigas entre eles(as). No caso, mesmo que as relações de

10 Na Sementeira, o termo fuxico é usado como sinônimo de fofoca e pode-se variar entre um e outro.

“consideração” tenham sido desfeitas, as pessoas continuam reconhecendo-se como parentes. Afinal, “é meu sangue, vou fazer o quê?”, conforme colocado por uma jovem kariri-xocó quando perguntada sobre a relação com um de seus primos (com quem não fala há anos, por motivo de briga).

A relação de “consideração” pode, por exemplo, converter um primo de segundo grau à condição de “carnal” ou de primeiro grau. Na Sementeira isto é muito comum entre primos de mesma idade. Neste caso, a relação construída entre eles altera as gradações de parentesco, o que pode promover o espessamento das relações. O idioma da “consideração” é aí usado para reforçar os laços consanguíneos. Por outro lado, pode-se empreender a mesma lógica para pensar como os primos “carnais” podem se tornar “primos distantes”. Ainda que permaneçam parentes, se as relações entre eles(as) não forem reforçadas pela “consideração”, pode haver uma redução ou diluição das relacionalidades, de modo que é necessário que as “memórias do parentesco” (MARQUES, 2014, p. 126) sejam (re)vividas, a fim de “resistir ao esquecimento” (2014). Resta acrescentar, por fim, que nem sempre a distância física e geográfica leva à diluição das relações. Até porque ao “se afastar também pode intensificar os laços nostálgicos de memória” (CARSTEN, 2014, p. 106). Neste caso, a saudade e a continuidade da relação, por meio de telefonemas e mensagens, podem manter acesos os vínculos relacionais.

Carsten (2014, p. 115) pensa o espessamento e a diluição da relacionalidade através do tempo e do espaço. De acordo com a autora, a temporalidade “nos convida a ver como o parentesco é um processo inerentemente graduado”, que se constitui através de experiências, emoções e memórias. No caso de uma fofoca entre os(as) Kariri-Xocó, pode-se considerar que o restabelecimento ou fortalecimento de laços algumas vezes necessita de tempo para ser gestado, haja vista que no tempo presente tais relações foram fragilizadas. Nos tópicos posteriores detalho como a fofoca atua na relação entre parentes, seja para criar, ou desestabilizar vínculos.

FOFOCA QUE ANIMA E QUE DESTRÓI OS PARENTES

A fofoca é composta por falas não públicas, transmitidas de “boca a boca”, em momentos não específicos da vida cotidiana. Espera-se que a conversa ouvida seja compartilhada e sabe-se que cada pessoa acrescentará à história a sua contribuição. Desse modo, a fofoca não pode ser compreendida como mera narrativa (BAUMEISTER, 2004), mas como uma experiência colaborativa que tem o narrador e os ouvintes como sujeitos ativos no seu processo de

continuidade.

Ninguém ingenuamente negaria a existência da fofoca na aldeia. Mas, os(as) Kariri-Xocó não a consideram apenas conversa negativa, depreciativa ou perigosa, pois, como dizem as mulheres na Sementeira: “uma fofoca de vez em quando é boa pra animar a mente. Quem não gosta?”. Para efeitos analíticos, classifiquei a fofoca a partir de duas expressões muito usadas na Sementeira: “fofoca que anima a mente” e “fofoca que destrói”. A “fofoca que anima a mente” atua como brincadeira, provoca o riso e a alegria entre aqueles(as) que a compartilham e se diz que nenhum mal causa àqueles(as) que tiveram seus nomes envolvidos. A título de ilustração, gostaria de mencionar uma fofoca que me foi contada por um grupo de mulheres que fumava a xanduca na porta da casa de uma delas. Tão logo cheguei, fui incluída no convite que era feito à audiência: “Cheguem, vou contar uma fofoca”. As gargalhadas começaram antes da contação. Uma delas pedia: “Conta logo, vixe, que agonia”. A fofoca então foi contada. Tratava-se de um caso real envolvendo a briga de um casal, cujo motivo, considerado “besta” por quem a contava, dava o tom cômico da história: a esposa cozinhou cuscuz de arroz, sendo que o marido lhe pediu que preparasse cuscuz de milho e o ocorrido desencadeou “uma briga da gota”. Não tardou para que o assunto fosse disseminado pela aldeia.

O humor acaba por dirimir os conflitos, contudo, também pode maximizar problemas e instaurar um clima de tensão. Cáceres (2016, p. 301) adverte que “o mesmo fator que cria vínculos sociais é desencadeador de desestabilizações nas relações”. Dessa maneira, histórias como a que mencionei há pouco, típicas da “fofoca que anima a mente”, podem ser contadas de forma meramente recreativa, mas podem também se tornar maléficas. Isto dependerá, de um lado, da proporção que elas atingem, de outro, das opiniões concordantes e discordantes que essas “animadoras” movimentam. A este respeito, Mendes (2019, p. 14) observa que a fofoca, “ao colocar palavras em circulação, emana como força que age, circula e afeta corpos e pessoas [...]”, sendo necessário, portanto, ter cuidado com aquilo que se fala.

É bastante comum pessoas se reunirem para fofocar sobre aspectos referentes à intimidade de outros(as). Se a conversa não exceder aquela rede de parentes, possivelmente permanecerá no *status* de “fofoca que anima a mente”. Mas como sua dinâmica acontece de “boca em boca”, pode ser que alguns dos parentes a compartilhem com outras pessoas de fora do grupo familiar ou da rede de parentes próximos, tornando grande a chance de a fofoca se converter em maléfica, já que, não raro, se perderá o controle sobre a história inicialmente contada.

Já a “fofoca que destrói” envolve “conversas maldosas”, as quais devem ser evitadas, pois podem provocar efeitos negativos sobre a vítima e seus parentes, como sofrimento, desentendimentos, tristeza e até adoecimento, por se tratar de um ataque à imagem da pessoa

diante de outras.

Atacar, pela fofoca, os atributos de um e de outro é atentar contra o que há de mais íntimo no indivíduo, a imagem que ele faz de si. É como se as palavras que atingem a imagem pública de uma pessoa tivessem a força mágica de feri-la fisicamente (FONSECA, 2004, p. 24).

Geralmente este tipo de fofoca origina-se de um assunto criticável na Sementeira, que aponta para determinada moralidade das condutas, como se verifica, com frequência, nos boatos envolvendo traição entre casais. Mendes (2019, p. 15) ressalta que “a fofoca constitui um modo de fazer circular assuntos de maneira indireta e torná-los algo de conhecimento público sem passar pela acusação e pela confrontação direta”.

A “fofoca que destrói” pode afetar o corpo da vítima, provocando o seu adoecimento. Na ocasião da minha estadia na aldeia, soube de um senhor que se recuperou de um quadro de depressão ocasionado pelo fato de ter seu nome envolvido em fofoca. O adoecimento trazido pela tristeza pode tornar o corpo “fraco” e “aberto”, suscetível a maus espíritos. O problema, contudo, é permanecer nesses estados por um longo período. Na Sementeira, o mais comum é que a vítima “tire satisfação” com aquele(a) que disseminou a história, o que só é possível quando a fofoca não alcança grandes proporções, pois quando se perde o controle e ela consegue chegar a muitas pessoas, dificilmente a vítima saberá quem lhe deu início.

Nota-se que a “fofoca que anima” e a “fofoca que destrói” produzem efeitos diferentes sobre as pessoas, podendo atuar como elo que fortalece as relações parentais ou como motivo que provoca a diluição de relacionamentos (CARSTEN, 2014). No caso dos relacionamentos conjugais, diz-se que a fofoca envolvendo traição pode culminar na separação ou no enfraquecimento da relação, pois afeta diretamente a confiança do casal – um imperativo para o “bom viver”. Todavia, a fofoca deste tipo também pode apimentar a relação. Pelo menos, foi isso que algumas mulheres kariri-xocó me explicaram, já que, a fim de manter o casamento, o cônjuge traído pode vir a se empenhar mais na relação. Assim, mesmo a “fofoca que destrói” pode ser benéfica, a depender das circunstâncias, não se podendo, portanto, reduzir seu efeito tão somente ao aspecto negativo.

FOFOCAR, TER UMA QUESTÃO E SER INTRIGADA(O)

A fofoca pode ser inventada ou não, dizem os(as) Kariri-Xocó. A inventada é sempre “enfeitada”, ou seja, para que o fato se aproxime da realidade e ganhe *status* de verdade, são acrescentados à narrativa alguns elementos de modo a lhe conferir maior credibilidade. Quase sempre a fofoca inventada causa o mal, através da difamação e da calúnia de alguém com quem se tem uma “questão”. A fofoca não inventada, por sua vez, coloca em circulação assuntos muitas vezes “escondidos a sete chaves”, que estavam “debaixo do pano”, como costumam dizer na Sementeira, os quais também podem deflagrar brigas e “questão” entre parentes.

A “questão” corresponde a uma espécie de conflito instaurado, um problema não resolvido que pode envolver uma pessoa, um grupo familiar ou um grupo de parentes. Animais que invadem a roça e derrubam a cerca; situações envolvendo traições entre casais; alguém ultrapassar, sem pedir permissão, os limites dos quintais para retirar frutas das árvores; o som excessivamente alto por um longo período de tempo – todos estes são motivos fortes para se “ter uma questão” (intriga).

“Ter uma questão” significa o mesmo que ser intrigado com alguém. No contexto karirixocó, quase sempre as expressões são usadas indistintamente. Consideram-se intrigados(as) aqueles(as) que têm uma “questão”, um assunto mal resolvido e que muito facilmente pode deflagrar uma briga. As pessoas “intrigadas” evitam participar ou frequentar os mesmos espaços, mas nem sempre isto é possível. Quando se tem uma desavença com alguém, dificilmente a “questão” é mantida em segredo. Ao contrário, as(os) intrigadas(os) proferem palavras ofensivas entre si, o que geralmente termina por instaurar um conflito. As palavras proferidas podem ser ameaças ou xingamentos. Além disso, ressaltam a raiva ou o ódio com um cuspe que é lançado ao chão, próximo à pessoa com quem se tem uma “questão”, acompanhado do som de um largo escarro. Aquela(e) a quem o cuspe foi destinado mostra que não tem medo e revida com um cuspe ainda mais encorpado, com um escarro mais longo e mais alto, devolvendo e provando a sua coragem e disposição para iniciar uma briga física.

Para dizer que a(o) “intrigada(o)” não tem nenhum significado e nem valor, pode-se bater nas mãos, como se fosse limpá-las e, em seguida, lançá-las em direção ao vento, com os olhos dirigidos a ela e lábios enrijecidos mostrando raiva. Há aquelas(es) que preferem não olhar para a(o) sua(seu) intrigada(o); outras(os), olham, encarando-a(o), e “soltam piadas” com palavras ofensivas e menosprezo à(ao) rival.

No momento da dança do toré também pode ocorrer afronta entre as pessoas “intrigadas”,

como pisar no pé da outra propositalmente. Aquela que primeiro foi pisada revida dizendo: “é assim que se pisa”, pisando ainda mais forte no pé de sua(seu) rival. Pode-se, ainda, colocar o pé para a(o) “intrigada(o)” cair ou tropeçar e depois pedir desculpa, como se o acontecimento fosse acidental, mas dificilmente a(o) “intrigada(o)” aceita, podendo revidar no mesmo momento ou em outro.

Cheguei a ouvir mais de uma vez, de diferentes mulheres, a expressão “eu odeio fulana...”. Quando se odeia, o tamanho do ódio é demonstrado para o parente “intrigado”, para que ela(ele) saiba que não é querida(o) por perto. Pode-se passar próximo da pessoa e falar em tom alto, a fim de que ela escute: “fia da peste!”, acompanhado de cara mal-humorada. Na sequência, vira-se o rosto em sinal de rejeição à pessoa. Também se usa a frase: “Creio em Deus pai, quanto mais eu peço mais assombração me aparece”. Junto a isso, se faz o sinal da cruz, como uma forma de benzer-se contra a pessoa “intrigada”.

Outra mulher com quem conversei me revelou ter brigado várias vezes na época em que trabalhava nos plantios de arroz, no Projeto Itiúba (Alagoas), e na feitura de tijolos, na antiga olaria, próximo à Lagoa Cumprida, uma das lagoas existentes no território Kariri-Xocó. Ela conta que a olaria era onde mais surgiam fuxicos sobre a vida das pessoas. Em meio a risos, lembrou: “Era trabalhando e fuxicando da vida do povo. Era tão bom! (risos)”. Esta mulher também me disse que desses lugares saía fofoca verdadeira, mas a maioria era história inventada e ninguém escapava de ter seu nome comentado. Uma mulher de 40 anos, que trabalhava no plantio de arroz, acusou os homens de serem os mais “intrigueiros”. Segundo ela, eles inventavam fofoca colocando uma mulher contra a outra. Isto nos mostra que a fofoca na Sementeira não está circunscrita ao universo das mulheres, já que, segundo relatos deste tipo, os homens também desempenham papéis importantes na sua circulação.

As intrigas podem decorrer de motivos como inveja pelo que a outra pessoa tem ou por ela ser engraçada, educada, prestativa; pela consideração e respeito que ela conquistou das demais pessoas; por causa de traição – quase sempre procura-se a amante para brigar e acusá-la de “rapariga”; antipatia – se diz que algumas pessoas são tão chatas que causam raiva apenas por estar perto; mas, principalmente, por causa de fofoca, sendo esta última mais difícil de controlar, pois, como se diz na Sementeira: “se cair na língua do povo, valei-me!”.

Fofoca e intriga entre parentes envolvendo acusações de perda de virgindade, por exemplo, podem parar na delegacia da cidade. Uma mulher denunciou uma parenta por ela ter acusado sua filha de não ser mais virgem. Diante da acusação da parenta e da certificação da menina sobre a virgindade, a mãe resolveu ir à delegacia para registrar um boletim de ocorrência. Caso a sua atitude fosse optar por não registrar a acusação na delegacia, as pessoas na Sementeira

entenderiam que a menina havia “se perdido”. Em boa parte desses casos, a queixa é retirada depois de um tempo. Contudo, no caso em questão, ter em mãos o boletim de ocorrência não apenas comprova que a queixa foi registrada, como também se torna, simbolicamente, um documento comprobatório da virgindade da menina.

Casos de intriga que avançam para brigas entre mulheres kariri-xocó e mulheres não indígenas que vivem na aldeia por serem casadas com homens kariri-xocó são relativamente raros, já que o resultado da briga acarretaria a expulsão da mulher não indígena da aldeia, o mesmo se aplicando aos homens não indígenas. Em episódios desta natureza, o marido é convocado a opinar. Se a sua decisão for favorável à esposa não indígena, ele também deverá se retirar da aldeia com ela. Os filhos do casal acompanham a mãe não indígena. Uma mulher kariri-xocó, de mais de 40 anos, foi quem me explicou que as mulheres não indígenas evitam brigar com elas. Mas se por acaso isso acontecer, ouvirão: “Quem pisa aqui sou eu, o que você quer? Você não tem nada aqui. Você tá em cima do direito de nós índios. Eu piso com força!”. De acordo com o que me foi explicado, este tipo de fala põe cada uma dessas pessoas (kariri-xocó e não indígenas) em seus devidos lugares, diminuindo a iminência de possíveis conflitos entre elas.

Presenciei e fiquei sabendo de muita fofoca que envolvia principalmente, mas não exclusivamente, as mulheres, tanto as jovens solteiras como as casadas, incluindo também as mulheres mais velhas, ainda que não da mesma forma como acontece com aquelas mais jovens. Tomei conhecimento de uma kariri-xocó, de mais de 30 anos, que se envolveu em diversas brigas na aldeia, colecionando uma lista com aproximadamente 40 pessoas em relação às quais era “intrigada”. Algumas delas nem mesmo sabiam que faziam parte da lista, mas, por alguma situação prosaica, como, por exemplo, passar perto da outra e não cumprimentar, acabaram sendo incluídas na lista. Com outras(os), a tal mulher teria discutido ou “saído nos tapas”, como costumam relatar as brigas físicas. Contudo, a condição de “intrigada(o)” pode ser dissolvida. Para isto, basta que uma das partes peça desculpa e a outra aceite o pedido verdadeiramente. Este é o ideal a acontecer. Mas, às vezes, somente o tempo é capaz de dirimir uma “questão” e criar novas possibilidades de relacionamentos.

Rumo ao fim deste texto, artigo que pretendeu apresentar uma análise da fofoca nas redes de relações entre parentes da aldeia Kariri-Xocó, espero ter demonstrado o papel da fofoca na atualização dessas redes, uma vez que tal prática tem a capacidade de aproximar e afastar pessoas e casas, restabelecer ou dispersar vínculos afetivos e relações que perpassam não somente o sangue, mas também a “consideração”.

REFERÊNCIAS

1. BAUMEISTER, Roy; VOHS, Kathleen; ZHANG, Liqing. Gossip as Cultural Learning. **Review of General Psychology**, v. 8, n. 2, p. 111-121, 2004.
2. BELAUNDE, Luisa Elvira. Sobre gêneros, arte, sexualidade e a falibilidade destes e de outros conceitos. [Entrevista concedida a Grazielle Dainese e Lauriene Seraguza]. **Revista Ñanduty**. v. 4, n. 5, 2016. p. 286-307. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/5767/2937>>. Acesso em: 28 mar. 2020.
3. BRAGA, Júlio Santana. **Fuxico de candomblé: estudos afro-brasileiros**. Feira de Santana: EDUEFS, 1998.
4. BRENNEIS, Donald. Grog and gossip in Bhatgaon: style and substance in Fiji Indian conversation. **American Ethnological Society**, 11, p. 487-506, 1984.
5. CÁCERES, Luz Stella Rodrigues. A arte de falar mal dos outros e outras maledicências: risos, pasquines e fofocas na comunidade Astrogilda Cafundá – Quilombo de Vargem Grande (RJ). **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 41, p. 295-327, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41838/23813>. Acesso em: 19 set. 2021.
6. CARSTEN, Janet. **Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
7. CARSTEN, Janet. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
8. CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. **R@U**, 6 (2), p. 103-118, jul./dez. 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862313/mod_resource/content/1/J_Carsten_Mat%C3%A9ria_do_parentesco.pdf. Acesso em: 16 set. 2021.
9. DAINESE, Grazielle. Desentendimentos entre parentes: variações da intimidade. **Revista de Antropologia**, 58 (2), p. 371-385, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/108578/107414>. Acesso em: 07 nov. 2020.
10. DUNBAR, Robin. **Grooming, gossip, and the evolution of language**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.
11. FIGUEIREDO, Marina Vanzolini. **A flecha do ciúme: O parentesco e seu avesso segundo os Aweti do Alto Xingu**. 437 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, 2010. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/746021.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2021.
12. FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

13. FOSTER, Eric. Research on Gossip: Taxonomy, Methods, and Future Directions. **Review of General Psychology**, v. 8, n. 2, p. 78-99, 2004.
14. FRANCHETTO, Bruna. Mulheres entre os Kuikuro. **Estudos Feministas**, Ano 4, n. 1, p. 35-54, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16653>. Acesso em: 06 nov. 2020.
15. GLUCKMAN, Max. Gossip and Scandal. **Atual Anthropology**, 1963.
16. MARCELIN, Louis Hens. A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano. **Mana**, n. 5 (2), p. 31-60, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/kghr3xv9tC5yvVyBSTkTPLc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2021.
17. MARQUES, Ana Claudia. Considerações familiares ou sobre os frutos do pomar e da caatinga. **R@U**, 6 (2), p. 119-129, jul./dez. 2014. Disponível em: http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2016/03/08_rauAO06208.pdf. Acesso em: 11 fev. 2022.
18. MARTINS, Silvia Aguiar Carneiro. **Reproduction and Gender: Embodiment among the Kariri-Shoco of Northeast Brazil**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Manitoba, Canadá, 2003.
19. MATA, Vera Lúcia Calheiros. **A semente da terra: identidade e conquista territorial por um grupo indígena integrado**. 1989. 375 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional.
20. MCCALLUM, Cecilia. Alteridade e sociabilidade Kaxinauá: perspectivas de uma antropologia da vida diária. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 13 (38), p. 127-136, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n38/38cecilia.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.
21. MCCALLUM, Cecilia; BUSTAMANTE, Vânia. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. **Etnográfica**, 16 (2), p. 221-246, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/1476>. Acesso em 01 out. 2021.
22. MENDES, Luna. Entre falas bonitas e perigosas: Notas para um estudo sobre a fofoca no cotidiano Mbya-Guarani. **Enfoques**, Rio de Janeiro, Edição Especial, XIX Jornada Discente do PPGSA/UFRJ, p. 10-23, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/23914>. Acesso em: 06 nov. 2020.
23. MOTA, Clarice Novaes da. **As Jurema Told us: Kariri-Shocó and Mode of Utilization of Medicinal Plants in the Context of Modern Northeastern Brazil**. PhD. Dissertation – University of Texas, 1987.
24. PINA-CABRAL, João de; SILVA, Vanda Aparecida da. **Gente livre: consideração e pessoa no Baixo Sul da Bahia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
25. SANTANA, Maiara Damasceno da Silva. **Os Kariri-Xocó na Sementeira: Processos**

- nativos de aprendizagem e perspectiva corporal. 195f. il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
26. SANTANA, Maiara Damasceno da Silva. **“Cada panela com o seu texto”**: Casamento, relacionalidade e diferença no mundo Kariri-Xocó. 340f. il. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.
27. SECRETARIA ESPECIAL DA SAÚDE INDÍGENA (SESAI). **Levantamento da População Geral Aldeada – DSEI Alagoas e Sergipe**. Maceió, 2015.
28. SILVA, Christiano Barros Marinho da. **“Vai-te pra onde não canta galo, nem boi urra...”**. Diagnóstico, Tratamento e Cura entre os Kariri-Xocó (AL). 93f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2003.
29. VENANCIO, Manuela Machado Ribeiro. **Os Kariri-Xocó do Baixo São Francisco: organização social, variações culturais e retomada das terras do território de ocupação tradicional**. 237f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

Maiara Damasceno da Silva Santana

Pesquisadora. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia, mestra em Educação e graduada em Pedagogia e em Ciências Sociais também pela Universidade Federal da Bahia. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5406-5748>. E-mail: maiaramerico@gmail.com